

"Na minha terra, pessoas como Faletti são chamadas de lendas vivas."

JEFFERY DEAVER,

autor de *O colecionador de ossos*

4 MILHÕES DE EXEMPLARES VENDIDOS NA ITÁLIA

EU MATO



Giorgio Faletti



GIORGIO FALETTI

Eu mato

TRADUÇÃO DE ELIANA AGUIAR

inimica

© 2002 Baldini & Castoldi
© 2003 Baldini Castoldi Dalai editore

TÍTULO ORIGINAL
Io Uccido

CAPA
Mara Scanavino

ADAPTAÇÃO DE CAPA
Julio Moreira

PREPARAÇÃO
Fátima Barbosa

REVISÃO
Ana Julia Cury
Julio Bernardo Ludemir

REVISÃO DE EPUB
Danilo Crespo

GERAÇÃO DE EPUB
Simplíssimo

E-ISBN
978-85-8057-040-3

Edição digital: 2012

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br



A Davide e Margherita

Pela estrada segue
a morte, coroada
de murchas flores de laranjeira.
Canta e canta
uma canção
em sua branca guitarra
e canta e canta e canta.

FEDERICO GARCÍA LORCA

PRIMEIRO CARNAVAL

O HOMEM É UM E NENHUM.

Há anos, carrega a cara grudada na cabeça e a sombra presa aos pés e ainda não conseguiu descobrir qual das duas pesa mais. Algumas vezes, experimenta o impulso irrefreável de arrancá-las, pendurar num prego qualquer e ficar ali, sentado no chão, como uma marionete cujos fios uma mão caridosa se encarregou de cortar.

Às vezes o cansaço apaga tudo, inclusive a possibilidade de entender que o único modo válido de seguir a razão é partir numa corrida desenfreada pelo caminho da loucura. A seu redor, tudo é uma sequência contínua de caras e sombras e vozes, pessoas que não se questionam de modo algum, que aceitam passivamente uma vida sem respostas para o tédio ou a dor da viagem, contentando-se em mandar alguns estúpidos cartões-postais de vez em quando.

Onde ele está há música, há corpos que se movem, bocas que sorriem, trocas de palavras. Ele está entre eles, um a mais, pela curiosidade de saber quem conseguirá, dia após dia, ver desbotar mais essa fotografia.

O homem se apoia a uma coluna e pensa que são todos inúteis.

Diante dele, do outro lado da sala, uma na frente da outra numa mesa próxima da enorme vidraça que dá para o jardim, estão sentadas duas pessoas: um homem e uma mulher.

À meia-luz, ela é diáfana e doce como a melancolia, tem cabelos negros e os olhos são verdes, tão luminosos e grandes que dá para ver dali. Ele só tem olhos para a sua beleza e fala a seu ouvido, para se fazer ouvir acima do barulho da música. Estão de mãos dadas e ela ri às palavras do companheiro, jogando a cabeça para trás ou escondendo o rosto na concavidade de seu ombro.

Há pouco ela se virou, talvez atraída de alguma maneira pelo fixo olhar do homem apoiado a uma coluna, talvez à procura da origem de um mal-estar distante. Seus olhos se cruzaram, mas os dela passaram indiferentes sobre seu rosto, como sobre o resto do mundo que a cercava. Voltou a oferecer o milagre daquele olhar ao homem que está com ela e que lhe devolve o mesmo olhar, impermeável a qualquer mensagem externa à sua presença.

São jovens, belos, felizes.

O homem apoiado a uma coluna pensa que logo estarão mortos.

JEAN-LOUP VERDIER APERTOU O BOTÃO do controle remoto, mas só ligou o motor quando a porta automática estava meio aberta, para não respirar monóxido de carbono no espaço fechado da garagem. A luz dos faróis deixou lentamente a porta de metal que subia para perfurar a tela negra da escuridão à sua frente. Colocou a alavanca do câmbio automático na posição e, quando a porta abriu completamente, apertou o acelerador e guiou a Mercedes SLK para fora. Acionou o fechamento apontando o controle com o braço erguido na altura da cabeça e, enquanto esperava o *clang* da porta se fechando, ficou olhando o panorama que se abria diante do pátio de sua casa.

Montecarlo era um leito de cimento sobre o mar. Sob seus olhos, a cidade quase não tinha forma, envolta na leve névoa de vapor que refletia as luzes acesas da noite. Um pouco abaixo dele, já em território francês, os campos iluminados do Country Club, onde provavelmente alguma estrela do tênis internacional estava treinando, ao lado do dedo levantado do Parc Saint-Roman, um dos arranha-céus mais altos da cidade. Mais abaixo, na direção de Cap d’Ail, sob o bastião da cidade velha, adivinhava-se o bairro de Fontvieille, arrancado da água metro a metro, palmo a palmo.

Acendeu um cigarro ao mesmo tempo que ligou o rádio, já sintonizado na Rádio Monte Carlo. Enquanto conduzia o carro pela rampa que levava à rua, comandou a abertura do portão com o controle. Virou à esquerda e desceu lentamente para a cidade, desfrutando o ar já quente do fim de maio.

“Pride”, uma canção do U2, saía do rádio, seu ritmo inconfundível de guitarra ao fundo. Stefania Vassallo, a DJ que comandava as transmissões da Rádio Monte Carlo naquele horário, tinha uma autêntica paixão por “The Edge”, o guitarrista da banda irlandesa. Não perdia uma ocasião de encaixar alguma coisa deles na programação. Na rádio, ela foi alvo de piadas durante vários meses por causa do ar sonhador que exibiu, como se fosse uma maquiagem, quando finalmente conseguiu uma entrevista com os ídolos.

Enquanto a estrada cheia de curvas que leva até o centro descia de Beausoleil, começou a marcar o ritmo com o pé esquerdo alternando com um movimento da mão direita sobre o volante, acompanhando Bono, que contava com sua voz rouca e cheia de melancolia a história de um homem que veio *in the name of love*.

Havia uma antecipação do verão no ar, com aquele perfume particular que só as cidades litorâneas têm. Cheiro de maresia, pinheiros, alecrim e, na verdade, de nada. Promessas e apostas. Não cumpridas as primeiras, perdidas as segundas.

O mar, os pinheiros, o alecrim e as flores de verão ainda estariam ali por muito, muito tempo depois dele e de todos os que, como ele, se debatiam naquele lugar e em outros lugares como aquele.

Mesmo assim, dirigia o carro com a capota abaixada, o vento balançando seus cabelos, sem sentir frio, ele também com suas boas promessas no coração e suas boas apostas na vida.

Havia coisa muito pior neste mundo.

Apesar da hora, estava sozinho na rua.

Pegou a ponta do cigarro entre o polegar e o médio e deu um peteleco para cima, seguindo no

retrovisor sua parábola luminosa. A última baforada perdeu-se no mesmo vento.

Chegou ao fim da descida e ficou um instante indeciso sobre que rua tomar para chegar à marina. Enquanto percorria o trevo, optou por um giro pelo centro e pegou o Boulevard d'Italie.

Os turistas começavam a encher o Principado. O período do Grande Prêmio de Fórmula 1, recém-encerrado, servia como um sinal do início do verão monegasco. Daí em diante, os dias, as tardes e as noites da costa se transformariam num vaivém de atores e espectadores. De um lado, limusines com motorista e gente com ar esnobe e entediado. Do outro, modelos econômicos com gente suada e deslumbrada. Exatamente iguais aos que estavam em pé agora, diante das vitrines, com o reflexo das luzes nos olhos. Havia seguramente alguém se perguntando como arrumar tempo para comprar aquela jaqueta, enquanto um outro se perguntava como arrumar o dinheiro. Eram o branco e o preto, duas categorias extremas, em meio às quais se estendia uma série impressionante de nuances de cinza. Muitos vivendo com o único objetivo de jogar fumaça nos próprios olhos, outros tentando afastá-la.

Jean-Loup pensou que as prioridades da vida eram, afinal, bastante simples e repetitivas, e em poucos lugares do mundo era possível quantificá-las melhor do que naquele. A caça ao dinheiro em primeiro lugar. Alguns têm e todos os outros desejam ter. Simples. Um lugar-comum só se torna comum graças à dose de verdade que contém. Talvez o dinheiro não trouxesse felicidade, mas enquanto a felicidade não vinha, era uma bela maneira de passar o tempo.

Era o que todos pensavam.

O celular no bolso da camisa começou a tocar. Ele o pegou e respondeu sem verificar na tela o nome de quem ligava, pois sabia muito bem quem era. A voz de Laurent Bedon, diretor e redator de *Voices*, o programa que Jean-Loup apresentava toda noite na Rádio Monte Carlo, chegou misturada ao murmúrio do vento no microfone do celular.

— Está pensando em nos dar a honra de sua presença ou teremos que nos virar sem nossa estrela?

— Oi, Laurent. Estou chegando, já estou a caminho.

— Ótimo. Sabe que quando um DJ não está na rádio pelo menos meia hora antes da transmissão, o marca-passo de Robert entra em parafuso. Ele já está botando fumaça pelas ventas.

— Fumaça pelas ventas? A do cigarro não basta?

— Parece que não.

Nesse meio-tempo, o Boulevard d'Italie tinha se transformado em Boulevard des Moulins. As vitrines iluminadas dos dois lados da rua estavam escancaradas sobre um mar de promessas, como os olhos convidativos de prostitutas de luxo. Assim como no caso destas, um pouco de dinheiro era suficiente para obtê-las...

A leve interferência da eletrônica do celular em conflito com o rádio do carro começou a perturbá-los. Jean-Loup trocou o telefone para a outra orelha e o barulho sumiu. Como se fosse um sinal entre eles, Laurent mudou de tom.

— Brincadeiras à parte, dá uma acelerada. Tive algumas...

— Espere um instante. Polícia — interrompeu Jean-Loup.

Abaixou a mão rapidamente e compôs sua melhor cara de pau. Estava no sinal, no cruzamento da Avenue de la Madone, e tinha parado na faixa da esquerda à espera do sinal verde. Um policial uniformizado estava em pé na esquina, verificando se os motoristas cumpriam à risca as

instruções de seu colega luminoso. Esperava ter escondido o telefone rápido o suficiente para não ter sido visto. Em Montecarlo eram muito rigorosos em relação ao uso de celulares ao volante. Naquele momento, não tinha nenhuma vontade de perder tempo em discussões com um inflexível policial do Principado.

Quando o sinal ficou verde, Jean-Loup virou à esquerda passando sob o olhar desconfiado do agente. Viu que ele virava a cabeça e seguia com os olhos a SLK que desaparecia pela suave descida em frente ao Hotel Metropole. Assim que teve certeza de estar fora de seu alcance, levantou a mão e colou o celular de novo na orelha.

— Perigo afastado. Desculpe, Laurent. O que você estava dizendo?

— Estava dizendo que tive algumas ideias plausíveis e queria discutir com você antes de entrar no ar. Venha logo.

— Plausíveis como? Como o 32 ou o 27?

— Vá à merda, seu bosta — rebateu de imediato, irônico, mas um pouco aborrecido.

— Como dizia o outro, não preciso de conselhos, preciso de endereços.

— Pare de falar besteira e trate de chegar logo.

— Certo. Já estou na entrada do túnel — mentiu Jean-Loup.

Do outro lado da linha, a comunicação foi interrompida. Jean-Loup sorriu. Laurent sempre definia suas novas ideias daquela forma: plausíveis. Dando a César o que é de César, tinha que admitir que quase sempre eram mesmo. Infelizmente, ele definia da mesma forma os números que *sentia* que iam sair na roleta, o que não acontecia quase nunca.

No cruzamento, dobrou à esquerda na descida da Avenue des Speluges. Entreviu o reflexo das luzes da praça à direita, com o Hotel de Paris e o Café de Paris posicionados um em frente ao outro como sentinelas dos dois lados do Cassino, partilhando suas luzes. As barreiras e tribunas erguidas naquele local para o Grande Prêmio tinham sido desmontadas em tempo recorde. Nada deveria ofuscar por muito tempo a sacralidade pagã daquele lugar, inteiramente consagrado ao culto do jogo, do dinheiro e das aparências.

Deixou a praça do Cassino para trás, à direita, e percorreu em velocidade moderada a descida que poucos dias antes as Ferrari, as Williams e as McLaren tinham percorrido num ritmo alucinado. Depois da curva do Portier, a brisa que vinha do mar e as luzes amarelas do túnel bateram em seu rosto. Percorreu o túnel sentindo o ar ficar mais fresco, imerso naquela luminosidade artificial que misturava as cores, tornando-as todas iguais. Na outra saída, reencontrou o espetáculo da marina iluminada, onde muito provavelmente uma centena de milhões de euros em barcos flutuava naquele momento. No alto, à esquerda, a fortaleza, com a residência real envolvida em luzes difusas, parecia garantir com galhardia que o sono do príncipe e de sua família não fosse perturbado.

Apesar do hábito, era um espetáculo que não deixava ninguém indiferente. Jean-Loup conseguia entender como um habitante de Osaka, de Austin ou de Joanesburgo perdia o fôlego diante de uma imagem daquelas e ficava com dor nos braços de tanto tirar fotografia.

Já estava chegando. Contornou a marina, onde os trabalhos de remoção das estruturas prosseguiram bem mais tranquilamente, passou diante das Piscinas e, logo depois da Rascasse, dobrou à esquerda e pegou a rampa do estacionamento subterrâneo, três andares de escavação exatamente embaixo do amplo pátio que ficava diante da rádio.

Estacionou o carro na primeira vaga livre e subiu a escada até chegar no exterior. O eco da

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

